

DOI: 10.17234/SRAZ.66.8

UDK: 821.134.3.09 Casimiro dos Santos, A.

Review article

Recebido a 30 de maio de 2020

Aceite para a publicação a 18 de outubro de 2021

## Augusto Casimiro: um poeta nas trincheiras da Flandres

João Miguel Henriques

Universidade Eötvös Loránd, Budapeste

jmlhenriques@gmail.com

No rescaldo do centenário do Armistício que pôs termo à Primeira Guerra Mundial, e na sequência de uma recentemente publicada reflexão sobre a obra *Memórias da Grande Guerra* (1919), de Jaime Cortesão, o presente artigo pretende apresentar e comentar a obra *Nas trincheiras da Flandres* (1918) de Augusto Casimiro (1889-1967), poeta português que, tal como Cortesão, conheceu em primeira mão, na qualidade de oficial do Corpo Expedicionário Português, os rigores das trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Além de colocar em relevo alguns aspectos da prosa memorialística de Casimiro, mediante a indicação de passagens eventualmente caracterizadoras, pretende-se estabelecer pontos de contacto entre o texto de Casimiro e as *Memórias da Grande Guerra*, num esforço desejavelmente frutífero de caracterizar a prosa memorialística portuguesa saída da experiência das trincheiras da Flandres.

*Palavras-chave:* Primeira Guerra Mundial, memórias de guerra, diário de guerra, Augusto Casimiro, Jaime Cortesão

O recente centenário da Primeira Guerra Mundial, nomeadamente as celebrações do Armistício que lhe pôs termo, desencadearam em diversos países, Portugal incluído, uma série de iniciativas mais ou menos institucionais de tributo e memória, tais como edições e reedições, exposições, conferências, documentários televisivos e até produções cinematográficas<sup>1</sup>. A esta vaga juntou-se naturalmente a investigação académica, que normalmente não deixa de aproveitar semelhantes efemérides para lançar sobre certo tema renovadas perspectivas. Considerando o elenco da prosa memorialística portuguesa sobre a experiência da Primeira Guerra Mundial, bem como a diversidade dos seus discursos, enfoques e motivações, será razoável afirmar que os estudos historiográficos não detêm o monopólio da investigação e reflexão quanto à participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial, podendo esse escopo naturalmente estender-se aos estudos literários, num espírito onde frutuosamente se combine leitura e análise de texto com

---

<sup>1</sup> Falamos dos filmes *Soldado Milhões* (2018) e *Mosquito* (2020), o primeiro sobre o grande herói nacional das trincheiras Aníbal Augusto Milhais, e o segundo passado no cenário moçambicano da Grande Guerra.

necessária contextualização histórica, com vista a caracterizar esses testemunhos, quase sempre bem mais que meros relatos de acontecimentos.

Apresenta-se, por conseguinte, o presente artigo na sequência de um outro recentemente publicado em que se comentava a obra *Memórias da Grande Guerra*, de Jaime Cortesão (Henriques 2019). Referiu-se nessa instância a intenção de recolher e analisar reacções de intelectuais portugueses, em testemunho escrito, ao fim da Primeira Guerra Mundial, na qual Portugal participou, começando-se por obras de quem vivera o conflito na pele, na frente de batalha. O segundo andamento dessas leituras, agora proposto, passaria pela leitura e comentário do primeiro livro que o poeta e oficial Augusto Casimiro (São Gonçalo, Amarante, 1889 – Lisboa, 1967) dedicou à sua experiência de guerra, intitulado *Nas trincheiras da Flandres* (1918).<sup>2</sup> Apesar de manter-se o espírito original desse projecto de investigação, a leitura da mencionada obra de Cortesão já logo de início o expandira, deixando de focar apenas as reflexões acerca do saldo português terminado o conflito, e passando a interessar também, ou acima de tudo, o teor da escrita memorialística em questão, nas suas diversas estratégias e enfoques, dando conta da natureza vária das diferentes obras, com vista a caracterizar o espírito que animava a intelectualidade portuguesa destacada para a frente de batalha.

Opositor republicano ao regime do Estado Novo<sup>3</sup>, Augusto Casimiro integrou o grupo fundador da Renascença Portuguesa, tendo colaborado na revista *Águia*. Participou igualmente na revista *Seara Nova*, da qual foi dirigente e redator entre 1961 e 1967. Além disso, encontra-se também colaboração regular da sua autoria em inúmeros periódicos da época. Enquanto poeta, dedicou a sua obra a temas amorosos e patrióticos, frequentemente ligados ao mar e contaminados por uma religiosidade e saudosismo que, como veremos, se encontram igualmente presentes nesta obra. Como oficial, participou, como já foi referido, na Campanha da Flandres (1917-18) durante a Primeira Guerra Mundial, para onde parte no dia 23 de Fevereiro de 1917 com o Batalhão do Regimento de Infantaria nº 23, sendo promovido a Capitão em 29 de Setembro do mesmo ano. Antes disso, exercera também o cargo de governador do Congo português e de secretário do Governo-Geral de Angola, em 1914, tendo acompanhado a missão de delimitação da fronteira luso-belga em África. Foi amigo de Raul Brandão, Teixeira de Pascoaes, Raúl Proença e Jaime Cortesão, de quem era cunhado, já que em 1911

---

<sup>2</sup> Autor de uma vastíssima obra, sobre o período passado na Flandres francesa como oficial do C.E.P. publicou Augusto Casimiro, além da obra citada e que aqui mais nos interessa, também os volumes *Sidónio Pais: (algumas notas sobre a intervenção de Portugal na Grande Guerra)* (1919) e *Calvários da Flandres* (1920). A estes títulos junta-se o pequeno volume *Nas trincheiras (fortificações e combate)*, publicado em 1917 em coautoria e de carácter essencialmente técnico-militar.

<sup>3</sup> Augusto Casimiro esteve envolvido na Revolta da Madeira (1931), tendo cumprido pena de prisão na Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde. Regressou a Lisboa em 1936 e no ano seguinte foi reintegrado no Exército Português, na reserva. Fez depois parte do Movimento de Unidade Democrática (M.U.D.) em apoio à candidatura presidencial de Norton de Matos (1949), tendo também mais tarde, em 1958, apoiado a candidatura presidencial de Arlindo Vicente.

casa com Judite Zuzarte Cortesão, irmã do médico e historiador, sendo que desse casamento nasceram cinco filhos.

Nas últimas páginas da sua obra *Memórias da Grande Guerra*, mais especificamente no capítulo “Últimos Combates”, Jaime Cortesão reproduz integralmente uma carta do seu amigo Augusto Casimiro, porventura com a finalidade de assim reforçar, por meio do testemunho corroborador de um outro oficial, a sua crítica à atitude das elites militares e políticas no que à gestão da participação portuguesa no conflito diz respeito. Com efeito, a primeira observação que nos cabe fazer acerca da obra *Nas trincheiras da Flandres* é que partilha essencialmente com a obra de Cortesão essa permanente sugestão, expressa com amargura e certa ofensa, de que no plano dos interesses existiria um grave abismo entre as trincheiras e as secretarias, lutando-se nas primeiras com muito mais fervor, empenho e sacrifício pelos superiores interesses da República. A pretensa finalidade da sua obra seria por conseguinte fixar impressões colhidas no terreno, num registo deliberadamente testemunhal e confessional, para posteriormente poder comparar essas impressões com que eventualmente pudesse vir a realizar-se no plano político mais geral:

Assim, seja qual for a solução portuguesa do conflito formidável, dolorosa ou exaltada de vitória, - estas notas valerão para mim como sinceríssimo depoimento de quanto, pela minha Alma, em mim, e pela minha frente, nestas horas supremas vai passando, entre oscilações, da mais segura confiança ao desânimo mais desmoralizado, - e à mercê do oculto jogo político que ora favorece ora parece ignorar ou sacrificar a grande atitude, a forçosa, a necessária afirmação nacional. (19)

Semelhante dissonância, ou diferente versão da mesma, é a que o autor sublinha no início das suas “notas”, ao referir “a indignação com que na trincheira lemos os lugares comuns dos cronistas ausentes, palavrosos escrivães que não sabem o que seja a austera severidade dos que cumprem o seu dever na lama, no sangue, em luta consigo e com todas as forças tumultuosas e miseráveis...” (15) Fica assim desde logo estabelecido o espírito e teor da obra, demarcando-se dos discursos oficiais, próprios de quantos traem o esforço português nas trincheiras, e sublinhando um tom intimista que irá reflectir-se na natureza híbrida e até fragmentária das memórias de Casimiro, da qual daremos exemplos.

Tal como no caso de Cortesão, também Casimiro dedica as primeiras páginas do seu livro a uma reflexão sobre a entrada de Portugal na Grande Guerra e sobre a instabilidade política interna que parece comprometer esse esforço glorioso e redentor. Casimiro defende a participação portuguesa na guerra e critica quem se coloca ao lado da Alemanha por puro interesse político. Confirma aquilo que o seu cunhado também extensivamente refere na sua obra, a saber, que a guerra se joga no plano político interno e que a participação portuguesa é um projecto republicano que alguns tentarão boicotar por via de rebeliões militares (como as que aliás se verificaram) ou mudanças políticas (como o golpe de Sidónio Pais em Dezembro de 1917). Daí que, também para o Capitão Casimiro os simples saiam sempre melhor na fotografia do que as elites governantes: “Só uma minoria

isenta de prejuízos políticos compreendeu a situação. E, com ela, o povo iletrado e rude dos campos, adivinhando, na sua ignorância, como a Pátria corria perigo, sugestionado por actos de hostilidade que as classes médias não querem ver e afrontas que o próprio exército perdoou até.” (26)

Mas talvez o principal interesse da obra *Nas trincheiras da Flandres* resida no seu carácter extremamente híbrido, como se de uma colagem se tratasse, constituída a partir de uma grande variedade de registos e extravasando por vezes o discurso memorialístico que ainda assim predomina. Disso difere das *Memórias* de Cortesão, estruturadas cronologicamente e concentradas sempre, por assim dizer, numa mesma voz testemunhal. Casimiro tem aliás consciência do carácter algo fragmentário da obra, confessando logo no início tratar-se de um: “amontoado de notas sem linha geral ou intenção precisa” (7). Parece por vezes até que o autor ambiciona congregar uma espécie de coro das trincheiras, variando intencionalmente registos, destinatários e até a voz que ao leitor se dirige. Isto faz com que se trate de uma obra mais rica em pequenos episódios do quotidiano das trincheiras, enquanto a de Cortesão está mais pautada pelos grandes momentos e por reflexões mais profundas. Repare-se, a título de exemplo, que um grande capítulo inicial introdutório, que até parece sugerir uma obra diarística, organizada cronologicamente como a de Cortesão, apresenta o enigmático título “Do diário dum soldado morto em combate”, ainda que pela leitura fiquem poucas dúvidas de que o “eu” que nos fala se trata naturalmente do próprio Casimiro, reflectindo sobre a Guerra, preparando-se em Tancos e por fim partindo em Fevereiro de 1917 para França. Ao longo de todo o livro, o escritor e oficial Casimiro dispersa-se assim por toda uma variedade de registos, dos quais pretendemos dar aqui exemplos, apesar da difícil e até infrutífera tarefa que seria sistematizá-los, considerando a alternância aparentemente arbitrária com que se sucedem ao longo da obra.

Assim sendo, temos passagens profundamente líricas, fazendo jus à inclinação de um poeta por essa altura já com obra publicada. De referir por exemplo o retrato muito vivo e comovente da partida para França (“O novo Restelo”, 40), a fazer lembrar o episódio lírico da partida das naus do Canto IV da epopeia de Camões. Por outro lado, noutras passagens o tom é verdadeiramente épico e grandiloquente (não obstante certa anterior crítica às tiradas épicas de quem não conheceu a guerra).

Surgem também cartas à sua esposa, com quem por esta altura já tivera o primeiro dos cinco filhos do casal, reunidas em capítulos soltos ao longo da obra, sob o título “Com o tempo”. Trata-se de notas avulsas e fragmentárias, à imagem da obra, e ficamos sem saber exactamente se serão reproduções de cartas realmente endereçadas ou apenas uma recriação de epístolas ao mais natural dos destinatários. Na última delas dirige-se inclusivamente ao inevitável censor: “Não hesite um momento o camarada censor que porventura leia esta carta...” (127). Mas há também as “Cartas deles” (cartas dos soldados a mães e esposas, tal como surgem também no livro de Cortesão): “alguém trouxe, para que as censurasse, num pequeno masso, cartas dos seus soldados...” (46). De igual modo, no espírito de um registo epistolar, encontramos por duas ocasiões

uma “Carta para o meu filho”, sendo a segunda uma descrição particularmente comovente da guerra a uma criança, eufemizando naturalmente os horrores e perigos da vida nas trincheiras.

Mudando radicalmente de tom, depara-se o leitor com algumas notas de campanha, em jeito de relatório de incidências, supostamente da autoria de um outro oficial (quem?). Em epígrafe explicativa, lemos: “Não me pertence a colecção de resumidas notas que tenho a ousadia de publicar agora. O nobre miliciano que as escreveu com tam bela simplicidade perdoará de certo a quem ousa publicá-las assim.” (70). Abandonando depois, de forma imprevista, a responsabilidade pela voz das suas memórias, Casimiro intercala no seu texto histórias de outros irmãos de armas (Alferes Turíbio e o oficial miliciano Cândido Cordeiro), personagens provavelmente reais de que o autor se serve para ilustrar ou credibilizar as suas próprias impressões e experiências.

O espírito de tamanha conglomeração de registos, dos quais consta inclusivamente o relato de um sonho, permite a coabitação de fragmentos confessionais com momentos de acção, de que é exemplo o capítulo “Uma patrulha de combate” (178), uma descrição detalhada de uma investida contra a trincheira inimiga, protagonizada por essa “minha alma ansiosa e sequiosa de atitudes, gestos eternos” (182). E mais adiante, noutra capítulo de potencial cinematográfico intitulado “Uma hora grande” (196), conta-se como os alemães, num momento de respeito e solidariedade, permitem a recolha do cadáver de um soldado português, morto da terra de ninguém.

Também a forma, ou pelo menos a mancha do texto sobre a página, varia ao longo da obra. A ilustrá-lo temos o capítulo “Do meu catecismo” (202), introduzido por uma nota a explicar tratar-se de um conjunto de apontamentos (numerados), “encontrados no espólio de um camarada morto” (202). Trata-se de uma sequência de conselhos avulsos, aforismos quase, pautados por um lado pela negação ou relativização da morte e, por outro lado, pela profunda idealização e divinização do soldado português. A este propósito, devemos fazer notar que a primeira edição do livro de Casimiro traz na capa o célebre Cristo das Trincheiras, de Neuve-Chapelle, ao qual tanto esta obra como as *Memórias* de Cortesão aludem, tendo-se tornado até uma imagem simbólica da fé dos soldados portugueses nas trincheiras. É interessante a escolha desta ilustração para capa da obra, pois talvez aquilo que acima de tudo a diferencie, por exemplo, da de Cortesão seja um pronunciado tom de misticismo cristão em quase todos os capítulos do livro. Faz notar Luís Alves de Fraga (1999: 8-9) que o autor

era um poeta sem exageradas preocupações políticas, até cerca de 1912; neste ano, prende-se ao grupo da «Renascença Portuguesa» e passa a identificar-se claramente com uma República que sonhava a glória do retorno aos tempos áureos, onde impera o saudosismo e o espírito sebastianista. Este ideal simultaneamente estético e político manteve-o Augusto Casimiro nos campos de batalha da Flandres, servindo-lhe de esteio para as manifestações do mais elevado patriotismo com as quais se compensou dos sofrimentos vividos como, também, animou alguns camaradas de armas.

Em inúmeras passagens do seu livro, o soldado é com efeito identificado como um mártir religioso e a participação de Portugal na guerra, mais do que tratada de um ponto de vista de estratégia política ou militar, é vista como um acto de purificação e redenção pela dor e pelo sacrifício, independentemente de um saldo militar positivo ou negativo. A Casimiro, por vezes apenas parece interessar a dimensão da tragédia, e é segundo esse critério que ele como oficial avalia os seus soldados, a quem inclusivamente chama de anjos e arcanjos, por oposição às “sombras de Portugal” (220), ou seja, às autoridades portuguesas que, dedicando-se a disputas políticas internas, vão desse modo boicotando o esforço do C.E.P. na Flandres. Noutras passagens fala por exemplo de uma “aceitação cristã da dor” (218), vaticinando também que “uma vez ali [na guerra], tudo o que há de doloroso e amoral em nós se temperará e exaltará de tragédia” (20), que “só a tragédia salva isto” (21). Essa “grande tragédia redentora” (70) que acabou por efetivamente ter lugar em La Lys, no dia 9 de Abril de 1918, insuficiente porém, como o tempo haveria de mostrar, para redimir um país.

## **Bibliografia:**

- Casimiro, Augusto (1918), *Nas trincheiras da Flandres*, Porto: Renascença Portuguesa.
- Fraga, Luís Alves (1999), *Augusto Casimiro: militar e escritor republicano*, <[https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/520/1/Augusto%20Casimiro%20\\_2\\_.pdf](https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/520/1/Augusto%20Casimiro%20_2_.pdf)> (01.10.2019)
- Henriques, João Miguel (2019), Depois de La Lys: as Memórias da Grande Guerra, de Jaime Cortesão, in: *Studia Iberystyczne*, 18, pp.169-182.
- Santos, Etelvina (1996), Augusto Casimiro, in: *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa: Editorial Presença, pp. 110-111.

## **Augusto Casimiro: a poet in the trenches of Flanders**

In the aftermath of the 100th anniversary of the Armistice that brought the First World War to an end, and following a recently published reflection on the book *Memórias da Grande Guerra* [Memoirs of the Great War] by Jaime Cortesão, the present article aims at presenting and commenting the 1918 work *Nas trincheiras da Flandres* [In the Trenches of Flanders] by Augusto Casimiro (1889-1967), a Portuguese poet who, like Cortesão, experienced first-hand the hardships of the First World War trenches as an officer of the Portuguese Expeditionary Corps. Besides highlighting some aspects of Casimiro’s prose, indicating passages that might characterize his book of wartime memoirs, this article will also seek to highlight common aspects between Casimiro’s and Cortesão’s books, in a hopefully fruitful effort to characterize the wartime memoirs produced by the Portuguese experience in Flanders.

*Keywords:* First World War, wartime memoirs, wartime diary, Augusto Casimiro, Jaime Cortesão